

A CAMPINAS DE MULHERES REPUBLICANAS EXTREMADAS E DE VIDA SOCIAL TRISTE

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Relembrar Dunshes de Abranches quando se referia à sua decantada São Luís (MA) tem sua validade, uma vez que a memória sentimental está sempre presente naquilo que de criança existe em todos nós, procurando cá e acolá valorizar nossas lembranças, buscar imagens de outrora, avivando-lhe, por certo, suas cores.

Assim, na pesquisa que estamos desenvolvendo sobre a cidade de Campinas e dois de seus bairros - Cambuí e Vila Industrial - desde os anos 1990, chamou-nos atenção, entre outros, o relato de viagem deixado pelo médico milanês Afonso Lomonaco¹ a respeito da incursão que fez pelo Brasil entre os anos de 1885-1887. Passando pela cidade de Campinas, apesar de ser parcimonioso em sua descrição, além de mal informado acerca de nossa gente e costumes, o que aliás é até compreensível em se tratando da literatura de viagens, de valor bastante desigual, são seus apontamentos bastante curiosos, notoriamente pelo fato de haver sido o único viajante que por estas plagas passou a observar, não apenas a grande participação das mulheres campineiras nos Clubes Republicanos, como também a salientar a pobreza verbal dos tribunos que subiam aos púlpitos de então, demonstrando, como

(1) Não tivemos oportunidade de consultar o próprio livro de Alfonso Lomonaco, **Al Brasile** (Milano, Leonardo Vallardi, 1889). Daí termos utilizado para este comentário a extensa resenha que dele fez Afonso de Taunay em **Antigualhas paulistas**, (São Paulo, 1952). Trata-se de separata do vol. 47 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a parte referente a Campinas ocupa as páginas 100 a 107. A este volume, portanto, é que aludem as notas constantes de nosso trabalho. Ao leitor eventualmente interessado no texto de Lomonaco, informamos que em **Antigualhas paulistas** encontra-se resenhada toda a parte sobre São Paulo (capital e algumas cidades do interior); a parte relativa ao Rio de Janeiro, Taunay já a havia resenhado em **No Rio de Janeiro de D. Pedro II**: 203-246, Rio de Janeiro, Agir, 1947.

textualmente se refere, à grande “intemperança de linguagem”² usada por aqueles indivíduos.

Pouco sabemos acerca deste viajor; mas, por suas observações cremos que, não tendo obtido sucesso na clínica que pretendia abrir no Brasil, passou a tudo ver com bastante malevolência, sobretudo ao que se referia a estrutura monárquica aqui vigente.

Em 1885 quando esteve em nossa cidade, era ela a mais importante da Província (depois da capital), apresentando grande desenvolvimento na lavoura cafeeira, mão-de-obra abundante, além de possuir certo arruamento simétrico, o que também demonstrava seu razoável crescimento urbano. Contava com residências de vulto em seu centro, elegantes chácaras em seu redor, iluminação a gás e serviço de bondes, o que lhe conferia, e neste sentido Lomonaco foi justo, um “aspecto simpático e atraente, estando aparelhada de muitas comodidades desejáveis em cidades de certa importância”³.

Como não poderia deixar de passar despercebido, dado o destaque que assumia no desenvolvimento urbanístico da cidade, a Matriz Nova foi objeto de inúmeras considerações do médico-viajante, a começar pelo mau uso dos recursos financeiros (e já naquela época tal fato era notado e criticado por um estrangeiro...). Mas, suas considerações iam além, pois, comentava também que o campineiro parecia não se preocupar com este desperdício, já que por demasiado orgulhoso de sua cidade, principalmente por estar erigindo uma suntuosa Igreja e por possuir um possante órgão; complementava sua vaidade o fato de lá haver nascido a maior “glória musical brasileira - Carlos Gomes”⁴.

Como permaneceu em Campinas por quatro meses pode o viajante participar da vida política da cidade, donde lhe adveio a possibilidade de observar, entre outros pontos, o grande número de republicanos existentes e descrever o local onde se realizavam as conferências como sendo uma “magnífica sala forrada e atapetada de simbólico vermelho, ornada de troféus e bandeiras igualmente vermelhas que cercavam a - tribuna dos oradores”⁵.

Quanto as mulheres, como já mencionamos, eram, segundo o viajor, “muito apaixonadas pela política e extremamente rígidas em suas convicções a ponto de ultrapassarem as conveniências sociais”⁶.

Certamente espantou-o nossa vida política não apenas pelos extremismos e pobreza dos discursos voltados contra a Monarquia, mas, por serem centrados em ataques pessoais e com plataformas políticas com muito

(2) Antigualhas, p. 104.

(3) Op. cit., p. 101.

(4, 5 e 6), Idem, p. 103

a desejar para um estrangeiro que vinha com toda uma teorização aliada a uma prática política bem diversa da encontrada nos trópicos onde o beija-mão, os compadrios e a troca de favores imperavam!

Espantava-o de igual maneira o fato de uma cidade desenvolvida manter apenas três jornais; “mediócrs e todos de feição republicana”⁷.

Deixa-nos entrever em seu relato quão simpático era ao trabalho do imigrante na cidade, comentando ainda que a nascente colônia italiana em Campinas era uma das mais prósperas que tinha visto e que em sua maioria dedicava-se ao comércio e a indústria. Era composta por elementos provenientes da Toscana e Baixa Itália.

Aponta Lomonaco que apesar de ser Campinas considerada na época a capital agrícola da Província, ser importante centro ferroviário, sede de várias indústrias, não conseguia vê-la a não ser como uma cidade “desprovida de vida”⁸, já que caracterizada por uma grande estagnação, com poucas festas, raros eram os transeuntes que passavam por suas ruas, as portas e janelas das casas eram sempre fechadas, suas praças desertas, sendo que tal monotonia só era quebrada raramente pela passagem de alguma carruagem ou pelo rumor dos bondes com pouquíssimos passageiros.

Neste seu relato observamos que houve profunda alteração com relação a alguns anos antes, quando por outras descrições notamos que a cidade era bastante festiva, centro ativo de comércio e com grande afluência de estrangeiros.

Claro que devemos considerar, descontando os exageros de suas observações, que Campinas sofria, no momento de sua estada na cidade, as conseqüências da primeira grande crise cafeeira no Brasil, além do fato de muitos fazendeiros da região terem perdido vultuosas somas com as operações do Sindicato. Ousaram quando não podiam enfrentar o mercado da época até porque os cafeicultores da cidade, ainda eram titubeantes neste “jogo” internacional, não apresentando condições para imporem-se frente aos Estados Unidos e Europa. Claro que este fato repercutiu de forma intensa na vida da cidade alterando, inegavelmente, sua estrutura sócio-econômico-político-cultural, o que foi, portanto, anotado por este viajante de forma apropriada.

Bem por isto, julgamos oportuno noticiar a passagem de Lomonaco por Campinas, crendo que merece melhor estudo em sua caminhada pelo Brasil, apesar das contradições que por vezes encontramos em seu discurso que é, no entanto, quando nada pitoresco para ajudar na compreensão e análise do imaginário social.

(7), Idem, p. 105.

(8) Idem, p. 106.